

# **Tumblrs, gênero e sexualidade: a performatividade em Kristen Stewart**

*Tumblrs, gender and sexuality:  
performativity in Kristen Stewart*

**Daniela Conegatti**

*Doutoranda do Programa de  
Pós-Graduação em Educação da UFRGS  
daniconegatti@gmail.com*

**Jane Felipe**

*Professora Titular da Faculdade  
de Educação da UFRGS  
Integrante do GEERGE – Grupo de Estudos  
de Educação e Relações de Gênero  
janefelipe.souza@gmail.com*

06

## Resumo

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre sexualidade no *tumblr*. O corpo emergiu como um dos âmbitos de análise, pois foi através dele que pessoas foram tornadas sujeitas de gênero e de sexualidade. Para problematizar este processo, imagens da atriz Kristen Stewart, recorrentes em dois *tumblrs*, foram analisadas. Embasadas em Sant'Anna (1995; 2000) e Judith Butler (2007; 2013), situamos o corpo como efeito de discursos, e com base nesta última também como efeito da performatividade. A metodologia compreendeu a desconstrução (DERRIDA, 2002) e também teve base em Rosa Fischer (2002), entre outras/os. Assumindo a existência de Pedagogias de sexualidade (LOURO, 2007), sinalizamos uma lógica heteronormativa que reforça a linearidade mulher-feminina-heterossexual, mas que, ao se materializar no corpo da atriz, acaba por ruir.

Palavras-chave: Sexualidade; Kristen Stewart; Imagem; Pedagogias de Sexualidade.

## Abstract

The article presents results from a research on sexuality in *tumblr*. The body emerged as one of the scopes of analysis because it was through it that people were made subject to gender and sexuality. To discuss this process, pictures of Kristen Stewart were analyzed. Based on Sant'Anna (1995, 2000) and Judith Butler (2007, 2013), we situate the body as an effect of discourses, and based on the last one as an effect of performativity. The methodology included deconstruction (DERRIDA, 2002) and also was based on Rosa Fischer (2002), among others. Assuming the existence of Pedagogies of sexuality (LOURO, 2007),

we signal a heteronormative logic that reinforces the female-feminine-heterosexual linearity, but that also collapses as soon as it materializes in the actress' body.

Keywords: Sexuality; Kristen Stewart; Image, pedagogies of sexuality.

## Introdução

A popularização da internet juntamente com o advento da web 2.0<sup>1</sup> abriram um campo muito extenso de possibilidades para as pessoas. Atentas para as possibilidades de vivências homossexuais *on-line*, percebemos as Mídias Sociais - blogs, facebook, etc. -, como potentes para estudar e problematizar questões relacionadas às lesbianidades, mais especificamente, formas de ser/estar lésbica nesses territórios. Assim, encontramos no *tumblr* vasto local de análise, o que nos permitiu identificar e, posteriormente, selecionar algumas páginas com interesse nas lesbianidades. Para tanto, apresentamos o questionamento que mobilizou a pesquisa da qual este artigo é um produto: entendendo os *tumblrs* como artefatos culturais e como produtores de pedagogias de gênero e de sexualidade, como se constituem as lesbianidades nas páginas selecionadas? Tal questionamento suscitou alguns desdobramentos, entre eles, como abordar as lesbianidades a partir de uma perspectiva que pudesse levantar discussões não apenas sobre sexualidade, mas também sobre gênero? A partir dessas questões e de uma primeira análise dos *tumblrs* selecionados, foi possível identificar três temas recorrentes: o corpo, o sexo e o amor. As discussões abordadas no presente artigo não pretendem responder plenamente as perguntas

---

1 “O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web - tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente *on-line* se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo” (FOLHA, s.p., 2006).

apresentadas, mas sim apresentar resultados parciais da pesquisa. Para tanto, e com base no desdobramento citado, qual seja, aquele que visa discutir gênero e sexualidade, este texto tem como foco um dos três âmbitos estudados: o corpo.

O interesse de usuárias dos *tumblrs* nas lesbianidades foi identificado devido à grande quantidade de páginas que se dedicam apenas a compartilhar imagens de casais, relações sexuais, entre outras questões voltadas para a homossexualidade feminina. Ao pesquisarmos quatro *tumblrs* no período de agosto a outubro de 2014, verificamos que em dois deles, as imagens da famosa atriz Kristen Stewart eram recorrentes. Por conta disso, elegemos as imagens da referida atriz como um dos eixos para pensarmos sobre o corpo. Assim, este artigo apresenta os dados desta análise especificamente.

Ao reunir as imagens da atriz e compará-las com outras fotos de mulheres famosas que circulavam por estas páginas, discursos de gênero e sexualidade emergiram, e foi possível identificar uma espécie de performatividade materializada no corpo da atriz – e também, certamente, no corpo das outras mulheres. Entretanto, antes de abordar efetivamente as análises, percorremos um caminho de problematização da exposição nas Mídias Sociais e de valorização da vida íntima e cotidiana que o advento da web2.0 possibilitou. Posteriormente, dedicamos uma parte do texto ao fazer teórico-metodológico, partindo de uma perspectiva pós-estruturalista focada principalmente na desconstrução e nos conceitos de discurso e pedagogias culturais, com base nas/os seguintes autoras/es: Jacques Derrida (2002), Guacira Louro (2004; 2000), e em algumas ferramentas metodológicas de análise e na noção de discurso discutidas por Rosa Fischer (2002). Por fim, apresentamos as análises das imagens de Kristen Stewart, problematizando não apenas a lesbianidade e sua relação com o gênero, mas também o imperativo

heteronormativo enquanto lógica materializada no corpo que, por meio da performatividade de gênero de Butler (2013), não se sustenta plenamente, tornando-se, também, resistência.

## O que é do privado é do público

Kristen Stewart, enquanto figura pública, desperta especulações a respeito de sua vida. Os lugares que frequenta, as pessoas com quem ela é vista, o que veste, são exemplos de situações que tornam sua vida *privada* de interesse público. Contudo, tal aspecto na contemporaneidade não diz respeito apenas às vidas de celebridades. A existência de blogs, de fotologs, do instagram, do twitter e do *tumblr* também mostram que o cotidiano das pessoas comuns, que outrora era apenas privado, tornou-se de interesse público, onde ações ordinárias são colocadas como extraordinárias.

Couto e Santana (2008, p. 33) identificam tal deslocamento do seguinte modo:

As transformações conceituais e de funções do público e do privado, em virtude do arranjo moderno, forjam uma esfera pública e, conseqüentemente, um espaço no qual as temáticas e assuntos privados passam a ser expostos, debatidos, criticados, discutidos, implicando sínteses, julgamentos e/ou consensos. Esse movimento origina a opinião pública e é potencializado pelos meios de comunicação de massa, que são fundamentais para a mudança da estrutura daquilo que é da dimensão da esfera pública, enfraquecendo as fronteiras entre público e privado.

A invenção e a popularização primeiramente do rádio, posteriormente do cinema e da televisão são importantes exemplos de uma virada tecnológica que deu lugar de destaque a outras expressões além da linguagem escrita. Foram estas tecnologias também que

possibilitaram o abandono, em certo momento, das salas e dos lugares em comum, pois se instalaram nos quartos. Assim, a prática de assistir à TV e escutar ao rádio adentrou o lugar mais íntimo e privado do lar (SIBÍLIA, 2008). Posteriormente, estas e outras tecnologias que surgiram (como o *walkman*, o celular, etc.) invadiram outro lugar íntimo: nossos corpos. Acoplados a cintos, nos braços, nos bolsos, de certa forma contribuindo para uma individualização das pessoas quando conviviam em público, nas ruas, nos comércios e em outros espaços de socialização.

Edvaldo Couto e Valdirene da Silva (2013) afirmam que os avanços tecnológicos também impactaram noções como memória, propriedade e cultura. Neste sentido, escrever sobre si mesma/o emerge como uma forma de manter uma memória física. Tecnologias como DVDs, filmadoras, máquinas fotográficas trouxeram outras possibilidades de resgate e conservação de uma memória que antes dessas era exclusivamente cognitiva.

Os avanços tecnológicos e o crescimento e desenvolvimento urbanos acabaram por incrementar as experiências perceptuais dos indivíduos, treinando o olhar e servindo de mecanismo de padronização de vida em concordância com os esquemas industriais, além de acarretar uma crescente mercantilização da existência. Couto (2008) ressalta que a relação do indivíduo com os meios tecnológicos (re)significa e amplia as possibilidades humanas. Neste processo, verdades tidas como universais se desestruturam, enquanto outros discursos ganham tal caráter. O advento das tecnologias visuais e audiovisuais permitiu que, na contemporaneidade, estas sejam detentoras da realidade, no sentido de que o que é projetado, filmado e fotografado ganha certa consistência de verdade que difere daquela que o livro escrito pode atingir. Como diz Sibília (2008, p. 240): “a aparelhagem técnica da visibilidade é capaz de conceder sua aura a qualquer coisa e, nesse gesto, de algum modo também a *realiza*”.

É neste contexto que as imagens de Kristen Stewart emergiram como produtoras de discursos nos *tumblrs* pesquisados. Sua vida privada é motivo não apenas de escritos, mas precisa ser registrada através de imagens que vão dar sentido e, mais que isso, vão produzir verdades a respeito de sua vida íntima. Tais verdades emergiram nas imagens analisadas constituindo modos de ser lésbica a partir de uma performatividade de gênero, produzindo/sendo produto de pedagogias do gênero e da sexualidade (LOURO, 2007), mas também possibilitando o questionamento de tais pedagogias. Contudo, antes de atentar especificamente para estas questões, apresentamos o *tumblr* e percurso metodológico.

### **Questões metodológicas: dos modos de olhar para o *tumblr***

As páginas do *tumblr* são disponíveis e podem ser visualizadas por quaisquer internautas, diferentemente de uma rede social como o *Facebook*. Entendê-lo como um blog é o mais coerente, mas nele também está disponível uma rede social. Dessa forma, só é permitido seguir *tumblrs* às/os usuárias/os que se cadastram e criam para si uma página, o que nos levou a entrar na dinâmica e criar um *tumblr*, assumindo o lugar do qual falávamos e nossas intenções. Tal posicionamento considerou principalmente a questão ética frente às páginas que seguíamos e que seriam analisadas posteriormente. Apesar de não haver uma regra específica e nenhuma das imagens aqui analisadas serem de arquivos pessoais dessas usuárias, mas sim de fontes diversas disponíveis na internet – o que era possível perceber através da função “reblog” – nos pareceu importante posicionar nosso lugar no *tumblr*, para que quaisquer usuárias que não se sentissem confortáveis com nossa presença tivessem a liberdade de nos bloquear – o que, cabe ressaltar, não aconteceu no decorrer da pesquisa.

Em relação ao conteúdo visual, um traço importante da sua constituição é a presença massiva de *posts* exclusivamente com imagens, e foi a partir desta, que é sua principal característica, que nos aproximamos com um olhar analítico sobre o *tumblr*.

Consequentemente, a próxima etapa consistiu em encontrar páginas que tivessem como tema principal as lesbianidades, isto é, que dedicassem boa parte de seus *posts* a temas lésbicos (imagens de duas mulheres em contato íntimo/romântico/sexual, famílias homoparentais, imagens de paradas ou outros eventos LGBT, imagens com frases de apoio à causa, etc.). Para encontrar estas páginas, foi preciso pesquisar dentro do próprio *tumblr*, que oferece uma ferramenta de pesquisa. Como resultado de várias buscas, com as palavras “lesbianidade, lesbianismo<sup>2</sup>, homossexualidade feminina, lésbicas”, apareceram tanto páginas que no próprio nome discriminavam seu conteúdo (ex: *butchlife.tumblr.com*), quanto páginas com posts lésbicos (fotos, textos, GIFs<sup>3</sup>).

Como era esperado, encontramos nesta primeira busca diversas páginas passíveis de análise. Ao final, selecionamos quatro *tumblrs*, porque correspondiam a algumas peculiaridades que pudemos evidenciar nos próprios *tumblrs* e, numa perspectiva maior, no universo lésbico. Dois destes advieram de um fenômeno próprio do *tumblr* nomeado “*tumblrgirlfriend*”. O nome é autoexplicativo: uma usuária passa a namorar outra via *tumblr*. A partir disso, as duas disponibilizam o link de uma na página da outra, e vice-versa. Com base nesse fenômeno, selecionamos dois *tumblrs*: “*http://love-my-girlfriend.tumblr.com*” e o “*http://lovee-fuck-you.tumblr.com*”.

---

2 Apesar de saber do teor patologizador que o termo carrega, compreendemos que muitas pessoas ainda o empregam por não saber de tal origem histórica, por isso nos pareceu importante utilizá-lo nas pesquisas.

3 Sigla que designa *GraphicsInterchangeFormat* que compreende uma ou várias imagens no formato *bitmap* que também suporta animações. Mais informações disponíveis em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Graphics\\_Interchange\\_Format](http://en.wikipedia.org/wiki/Graphics_Interchange_Format) Acesso em: 09.01.2014



Dentre as outras páginas, uma destacou-se por ser a única dedicada à mulher lésbica *butch*<sup>4</sup>: “<http://butchlife.tumblr.com>”.

Por último, um *tumblr* semelhante aos mais recorrentes foi selecionado, o <http://n-surte-sorria.tumblr.com>, com base na frequência de postagem. Este não demonstrou nenhuma característica especial, a não ser o interesse em compartilhar conteúdos que abordassem temas lésbicos.

A partir da montagem de uma tabela trazendo as postagens dos quatro *tumblrs*, foram identificados certos temas recorrentes, que emergiram de diversas formas. Com base nesses, foi possível estabelecer três categorias: *o corpo*, pois muitas imagens compartilhadas simplesmente traziam meninas sozinhas; *o amor*, através de uma grande quantidade de fotografias de mulheres em momentos românticos, muitas delas oriundas de produtos midiáticos; e, por fim, *o sexo* enquanto ato realizado entre dois ou mais corpos, que ganhou muito destaque na página “lovee-fuck-you”, compondo a grande maioria das postagens dessa página.

Dentre as imagens que fizeram parte da categoria *corpo*, destacou-se a presença constante de Kristen Stewart. No período de agosto a outubro de 2014, dois *tumblrs* intitulados *love-my-girlfriende lovee-fuck-you* compartilharam um número significativo de imagens da atriz (mais do que qualquer outra celebridade, importa destacar). Estas imagens, quando comparadas com as de outras mulheres famosas compartilhadas por estas mesmas páginas, possibilitaram constituir uma performatividade de gênero e a partir dela problematizar discursos de gênero e sexualidade.

Isto posto, cabe apresentar a perspectiva metodológica adotada para dar conta da análise destas imagens. Neste sentido, alguns conceitos

---

4 Termo utilizado para nomear mulheres lésbicas que não performatizam, em maior grau, a matriz de feminilidade.

são importantes para entender o ponto de partida teórico-metodológico deste artigo. O primeiro diz respeito às Pedagogias Culturais:

É importante explicitar que, apoiadas nos Estudos Culturais, que defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais, que se multiplicaram na nossa sociedade, ampliamos nossos objetos curriculares para investigar todo e qualquer artefato cultural que ensina, buscando mostrar o currículo que eles apresentam (PARAÍSO, 2012, p.24).

Neste sentido, assumimos que o *tumblr*, enquanto artefato cultural,(re)constitui e (re)constrói pedagogias culturais, e mais especificamente modos de ser/estar lésbica, produzindo modos de subjetivação, conceituados por Nikolas Rose (2001, p.36) como “práticas e processos heterogêneos por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de certo tipo”. Ou seja, compreendemos, a partir do conceito de pedagogias culturais, que das imagens oriundas dos *tumblrs* emergem discursos (alguns com valor de verdade) que constituem a lesbianidade, produzindo, concomitantemente, o que não compreende ser/estar lésbica.

Para fazer emergir estes discursos, optamos por operar com a desconstrução enquanto ferramenta analítica, trazendo a seguinte pergunta proposta por Rosa Fischer (2002, p.83-84): “como estudar as imagens, textos e sons da mídia [...], tendo como pressuposto que não extrairemos das imagens representações acabadas, mas antes possibilidades de significação, datadas e bem localizadas [...]”? Neste sentido, não encontramos representações de lésbicas, mas sim enunciados, indícios, pistas de lesbianidades na relação entre gênero, sexo, sexualidade, corpo. Ainda assim, ao analisar uma imagem destituída de som e em geral de palavras, surgiu o desafio de como

reconhecer tais discursos. Recorrendo a Deleuze para dissertar sobre a noção de discurso e sua análise, Fischer (2002, p.86) expõe:

Analisar discursos significa em primeiro lugar não ficar no nível apenas das palavras, ou apenas das coisas; muito menos, buscar a bruta e fácil equivalência de palavras e coisas. Como escreve Deleuze, o visível tem suas próprias leis, desfruta uma certa autonomia em relação ao enunciável, justamente porque “as coisas ditas” também têm sua relativa autonomia. Em suma, o visível e o enunciável não se reduzem um ao outro, eles exercem uma espécie de força um sobre o outro, de tal forma que haveria simultânea e permanentemente “a lição das coisas e a lição da gramática”.

Portanto, buscamos operar em uma relação de interdependência e ao mesmo tempo de autonomia entre imagem e palavra, enquanto visamos a desconstruir a própria hierarquia que se forma nesta relação. Mais do que isso, percebemos que há uma certa desordem na ordem que se faz em determinada imagem. Neste sentido, focamos em uma estratégia descritivo-analítica desestabilizadora de saberes e verdades<sup>5</sup>, descrevendo e problematizando as relações de poder impulsionadoras dos discursos presentes nos *tumblrs*, bem como as articulações ou conflitos destes discursos com outros.

Para tanto, princípios da desconstrução teorizados por Jacques Derrida (2002), foram empregados. A existência de binarismos e dualidades marcadas por uma lógica hierárquica foi exposta e descrita, servindo como recurso na denúncia de tais binarismos como uma construção cultural. Neste processo, buscamos não apenas expor sua construção, mas também sua precariedade enquanto ideal discursivo, suas falhas e fissuras.

---

5 Como observa Paraíso (2012, p.38) “somente descrevendo, e em detalhe, podemos compreender o que somos, o que fizeram de nós [...]. Enfim, só descrevendo, e em detalhe, podemos encontrar estratégias para nos transformarmos em alguém diferente do que nos fizeram ser”.

Em relação aos binarismos, importa atentar que, apesar de parecerem funcionar numa lógica de exclusão – isto é, em que um elemento vai ser o que o outro não é –, são interdependentes, sendo impossível a existência de um sem o outro. Emprega-se aqui uma visão relacional, como observa Louro (2004, p.43):

Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, em si mesmo, fragmentado e plural.

Para a desconstrução, o entendimento do conceito de diferença se faz necessário. Derrida (2002) questiona a noção de centro constituinte de uma estrutura, conceito pensado no estruturalismo. Para tanto, o autor sinaliza a provável inexistência de um centro sem uma diferença – isto é, de um significado central, e como exemplo podemos pensar em um discurso com valor de verdade, ou mesmo em algo considerado “normal”. Portanto, se há um centro, este só pode ser produzido em sua relação com as margens, com aquilo que não pode ser considerado centro naquele contexto, isto é, a diferença.

Outra contribuição dos escritos de Derrida (2002) diz respeito ao significado. Para o autor, pouco importa a intenção de quem produz algo, pois este algo só terá sentido em um processo de relação e contextualização. De certa forma, a compreensão do autor remete à ideia de intertextualidade, que, segundo Gillian Rose (apud CUNHA, 2005, p. 36) pode ser compreendida como a “forma dos sentidos de qualquer imagem ou texto discursivo dependerem não apenas de tal texto ou imagem, mas também dos sentidos de outras imagens e textos”. Sendo assim, as imagens *tumblrianas* para as quais voltamos nosso olhar constituíram significados a partir de seu lugar de origem: isto é, *tumblrs*

dedicados às lesbianidades, mas num processo de relação com outros produtos culturais e com outros contextos em que tais imagens fizeram (ou não) sentido. Tal relação permitiu identificar enunciados, discursos e verdades, assumindo, entretanto, que tais discursos fazem parte de um repertório do qual também compartilhamos. Ou seja, percebemos a necessidade de analisar as imagens atentas para as intertextualidades que os conteúdos analisados acionaram.

Em concordância com os pressupostos da desconstrução, tencionamos operar com possibilidades, ao invés de determinismos. Para Fischer (2002), as visibilidades da imagem emergem de um trabalho árduo que consiste em abri-la, “rachá-la”, pois é a partir de tal esforço que vamos conseguir extrair enunciados que de nenhuma forma estão escamoteados, mas que também não estão tão evidentes, por isso mesmo constituem discursos que por vezes tomamos como verdades absolutas, discursos sobre os quais, via de regra, não pensamos efetivamente.

Ademais, ressaltamos a importância da linguagem no marco teórico-metodológico com o qual operamos. Para Butler (2013), a linguagem constitui o que somos, nosso gênero, nosso sexo, nossa sexualidade, tudo (re)significa através da linguagem, e é por meio dela que encontramos a possibilidade de expor e problematizar padrões, normas e discursos com valor de verdade. Assumir o caráter linguístico das visualidades é, também, questionar a compreensão destas como algo natural e inato, arguindo no sentido de compreendê-las inseridas em uma espécie de (re)educação e (re)constituição que não escapa de algo também culturalmente (re)constituído, que é a linguagem.

Assim, a partir das noções de pedagogias culturais, discurso e linguagem, e tendo como ferramenta analítica os pressupostos da desconstrução, apresentamos, a seguir, as operações analíticas e discussões a partir das imagens de Kristen Stewart.

## Generificando e sexualizando corpos: performatividade e pedagogias da sexualidade

Nos *tumblr*s selecionados, o corpo emerge como recurso, porque é por meio de sua exposição e de suas performances que se torna aparente o interesse dessas páginas pelo feminino e pelas lesbianidades. Mais do que isso, é por meio das diversas constituições corporais, também, que os *tumblr*s analisados produzem modos de ser/estar lésbica, constituindo limites (pedagógicos) e, ao mesmo tempo, fazendo ruir tais limitações, como veremos a seguir. Neste sentido, imperam imagens de mulheres nuas, vestidas, sozinhas, acompanhadas de outras mulheres, em poses diversas, em momentos íntimos. Como efeito, nessas imagens, alguns corpos acabam não apenas *generificados*, mas *sexualizados*, isto é, trazem em seus corpos, como dito, os efeitos dos discursos de gênero, ou melhor, de pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 2000) e, quando resistem a alguns destes discursos, suscitam especulações sobre sua sexualidade. Para expor parcialmente<sup>6</sup> essa dinâmica, selecionamos imagens da atriz Kristen Stewart que foram compartilhadas pelas páginas.

Diversas fotografias da referida atriz apareceram em dois dos quatro *tumblr*s pesquisados. Em um primeiro momento, o fato de estar presente ali não era incomum, visto que havia fotografias de outras famosas nestas páginas. Contudo, ao analisar as imagens em seu conjunto, identificamos que, no caso de Kristen Stewart, ou melhor, de suas imagens, figurava algo diferente. Para problematizar esta diferença, situamos o corpo a partir de uma perspectiva histórica e cultural, entendendo-o como uma construção que está em constante mutação, mas que vem sendo naturalizada ao longo do tempo, pois seu caráter histórico e cultural é apagado em favor de perspectivas biologicistas

---

6 Assumimos parcialmente não apenas porque tal reconhecimento concorda com um princípio da perspectiva teórico-metodológica assumida neste artigo, qual seja, o de recusa a universalismos, mas também porque este artigo apresenta apenas os resultados parciais de uma pesquisa maior.

e o poder de verdade incontestável que estas ciências carregam na contemporaneidade. Dessa forma, desnaturalizamos a compreensão de corpo, problematizando-o para além de sua constituição física, hormonal, celular, assumindo que estas conceituações são o produto de perspectivas sócio-históricas culturais, e que delas derivam também as justificativas para diferenciar e desvalorizar certos corpos em benefício de um padrão. Situá-lo neste lugar é entender que “estamos constantemente redescobrimo o corpo” (SANT’ANNA, 2000, p. 50). Os movimentos de liberação sexual e, posteriormente, o advento da biotecnologia são alguns exemplos de acontecimentos que trouxeram novos sentidos e (im)possibilidades aos corpos.

Assim como o corpo, o gênero e a sexualidade também compõem expectativas. Para Butler (2004), os gestos constituem o corpo, o estilizam e, dessa forma, dão a ilusão de uma essência de gênero. Esperamos que corpos constituídos por uma anatomia que se convencionou chamar de feminina comportem-se de uma determinada forma, e que tal comportamento se traduza também em uma naturalização da heterossexualidade. Em outras palavras, o corpo (re)produzido como feminino também será (re)produzido como heterossexual, via de regra. Dessa forma, quando pensamos na homossexualidade como algo que se traduz nos corpos, também precisamos assumir que existem comportamentos, gestualidades que compõem um corpo heterossexual, pois a manifestação de um implica a ausência de outro, mas mais do que isso, implica assumir que um não existe sem o outro, considerando sua condição binária, ou seja, relacional (LOURO, 2004).

Certamente, as expectativas heteronormativas por vezes não se materializam nos corpos, no sentido de que os corpos escapam a tais tentativas de categorização. Contudo, no processo de resistência, a (hetero)norma com frequência implica uma confusão entre gênero e sexualidade nas traduções das gestualidades corporais. Como efeito, uma

expressão de gênero masculinizada por parte de um corpo nomeado (e produzido como) feminino pode desestabilizar a constituição de uma heterossexualidade esperada.

Dessa forma, o conceito de performatividade de Butler (2007) mostra-se produtivo para pensar as intersecções entre gênero, sexo, sexualidade e corpo, que colocam Kristen Stewart neste lugar de resistência a pedagogias de gênero e consequente interpelação por uma sexualidade lésbica. Segundo a autora, os corpos são materializados a partir de um ideal de sexo – e acrescentamos, de gênero e de sexualidade – para tornarem-se viáveis e inteligíveis em termos sociais. A performatividade, portanto, constitui a produção dos efeitos de determinados discursos a respeito do corpo que, de forma reiterativa e citacional, viabilizam (ou não) a leitura deste (Ibidem). Os discursos que produzirão os corpos estão em constante processo de atualização, pois fazem parte de uma dinâmica do poder<sup>7</sup> em que estão em jogo saberes e verdades de um tempo e de um contexto.

Importa também assumir que na materialização dos corpos “o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações” (BUTLER, 2007, p.155). A homossexualidade, portanto, só pode se fazer legível em um corpo porque a heterossexualidade também é identificável. Contudo, esta última tem sua materialidade “disfarçada”, dissimulada porque é tida como constituinte natural dos corpos que compõe, e também porque serve de pressuposto<sup>8</sup> na produção de quaisquer corpos, assim como,

---

7 Assim como Butler, compreendemos poder a partir dos escritos de Foucault, como uma instância positiva porque produz, organiza. Para além da hipótese repressiva, Foucault visualizará o poder como uma rede, retirando seu caráter de instituição e percebendo-o a partir de relações. Dessa forma, todos os indivíduos livres podem exercer poder, independentemente do lugar social que ocupam. Para mais especificações sobre poder em Foucault, indicamos Edgardo Castro (2009).

8 Quando utilizamos esta palavra pensamos não apenas em seu sentido de antecipação, mas também em algo que se busca alcançar, em uma ideia a ser realizada e materializada nos corpos, em uma violência.



via de regra, o gênero e o sexo feminino vão servir de pressuposto para corpos dotados apenas de vulva.

Entretanto, tomar o gênero, o sexo e a sexualidade como pressupostos não significa dizer que eles são estáticos. Já os situamos como construções, mas importa entender que

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras que podem ser vistas como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, são abertos (BUTLER, 2007, p.163).

É nessa relação entre normas e escapes que corpos são tornados sujeitos de gênero, de sexo e de sexualidade, sejam eles desviantes ou não. Consequentemente, justamente porque a performatividade impossibilita a reprodução perfeita e acabada de qualquer sujeição, a precariedade de tais pressupostos torna-se exposta.

A discussão teórica sobre corpo, gênero e sexualidade exposta aqui serviu de base para a problematização dos discursos extraídos das imagens de Kristen Stewart. Assim, na próxima seção apresentamos as análises das imagens selecionadas.

### **O corpo em análise**

Para o presente artigo, pouco importa a “verdadeira” sexualidade da jovem atriz Kristen Stewart. O que importa são os discursos que seu corpo traz à tona, as verdades pelas quais ele parece ser constituído e produzido, assim como as verdades que perdem inteligibilidade em

seu corpo. Neste jogo, gênero e sexualidade constituem-se como efeito de uma heteronormatividade que coloca o corpo da atriz em um lugar masculinizado, e, conseqüentemente, tornado lésbico:



Figura1: Kristen Stewart

Fonte: <http://love-my-girlfriend.tumblr.com>

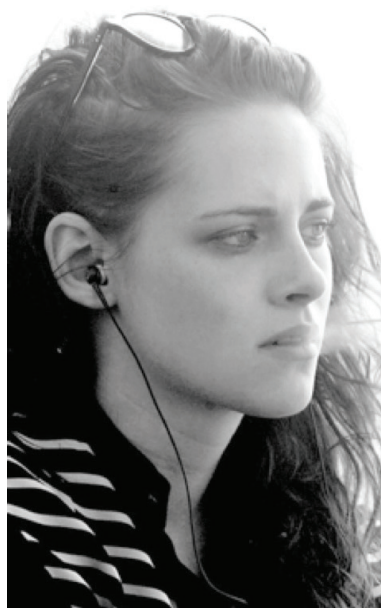


Figura2: Kristen Stewart

Fonte: <http://lovee-fuck-you.tumblr.com>

Primeiramente, de acordo com a desconstrução, importa descrever: A atriz, na Figura 1, faz uma pose “espontânea”, parece, inclusive, sequer saber que está sendo fotografada. Está à frente de um carro, com óculos, calça e moletom escuros, e um tênis também escuro. Na Figura 2, é enquadrado principalmente seu rosto, que ainda ignora a presença da câmera, parece mais séria, agora com os óculos sobre a cabeça, enquanto expira a fumaça de um cigarro que, podemos inferir, estava a fumar, e mantém fones nos ouvidos. Ambas as figuras são em tons de cinza.

Nas duas imagens retiradas dos *tumblr*s analisados, certos aspectos constituem Kristen neste lugar de resistência e consequente interpelação por uma sexualidade lésbica. As roupas escuras e largas, o semblante sério, a aparente despreocupação em frente à câmera vão dando pistas de um corpo que, apesar de ser aparentemente do gênero feminino, porque se dá também como efeito de discursos que constituem o feminino, não expõe aspectos próprios de uma feminilidade considerada hegemônica. Feminilidade esta que pode ser traduzida em gestos leves, em ser simpática e estar sorridente, e em roupas via de regra exclusivas deste gênero, ou seja, roupas que compõem um guarda-roupa tipicamente feminino, afastadas de uma relação mais andrógina, como o *jeans* e o moletom largo que a atriz utiliza na Figura 1. Até porque, no processo de negociação entre o que caracteriza determinado gênero, o feminino compõe a exceção, a diferença, o “segundo sexo” – ou melhor, gênero<sup>9</sup>.

Assim, a partir de todos os elementos citados que compreendem a produção de gênero nas duas imagens, Kristen Stewart parece fazer movimentar discursos de gênero e sexualidade. Mais do que movimentar, parece provocar o tensionamento entre o que se espera de uma mulher (em termos de gênero e sexualidade) e o que, também, se espera de uma lésbica. Em outras palavras: se Kristen Stewart, nestas imagens, desestabiliza discursos hegemônicos de (cis)gênero e (hetero) sexualidade, o faz porque também existem expectativas sobre o (que é o) corpo lésbico. Por isso, justamente, é uma figura tão recorrente nas páginas analisadas.

Outra relação que coloca Kristen Stewart nesse lugar de figura pública “lésbica” nos *tumblr*s analisados se expressa quando comparamos suas imagens com as de outras famosas recorrentes em

---

9 Na escrita, por exemplo, o termo “homem” pode ser utilizado para designar a humanidade – apesar de quase sempre essa humanidade ser pensada por homens para homens – mas o termo “mulher”, jamais. O masculino é dominante na nossa língua, sendo necessário apenas uma pessoa do gênero masculino estar presente em um local repleto de mulheres para que o pronome “eles” suprima o “elas”.

*love-my-girlfriend*, página que mais publicou imagens de mulheres famosas dentre as analisadas.

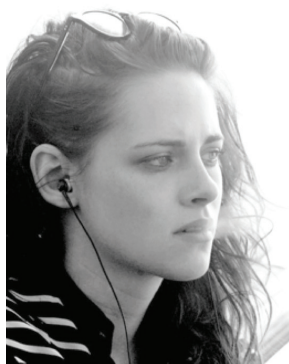


Figura3: Kristen Stewart

Fonte: <http://love-my-girlfriend.tumblr.com>



Figura 4: Megan Fox

Fonte: <http://love-my-girlfriend.tumblr.com/>

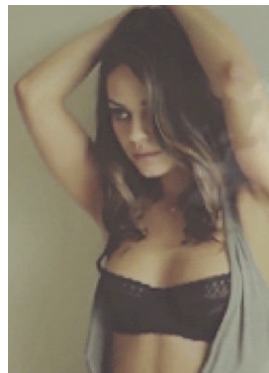


Figura 5: Mila Kunis

Fonte: <http://love-my-girlfriend.tumblr.com/>

Quando agrupadas, essas imagens fazem emergir certas possibilidades de feminilidade. Nas figuras 4 e 5, as atrizes expõem seus corpos por meio de decotes e roupas curtas, além de justas; ambas posam para a fotografia de forma que podemos inferir que estavam em um ensaio fotográfico, em um lugar fechado (talvez um estúdio); ambas também estão maquiadas, e podemos ver os efeitos da maquiagem no rosto (olhos escuros, lábios coloridos, etc.). Todos estes elementos, em seu conjunto, produzem uma feminilidade muito próxima da hegemônica (apesar de nunca alcançá-la plenamente, como nos explica a performatividade de gênero). Produzem e são produzidas, assim, por pedagogias do gênero, que podem dizer, em uma leitura nestes termos, de sua (hetero)sexualidade (que, importa ressaltar, não necessariamente corresponde à realidade).

Kristen Stewart, por sua vez, posa para a fotografia, mas de outra forma, e, como efeito, produz a impressão de um certo descompromisso com a foto (mas que é uma pose, e justamente por seu teor construído e performativo produz gênero e sexualidade e, conseqüentemente, a impressão de descompromisso). A ausência de uma maquiagem perceptível aliada às roupas que a atriz usa na imagem também afastam consideravelmente sua figura das outras famosas. Assim, a preferência por compartilhar fotos de Kristen Stewart que fujam da dinâmica das imagens 4 e 5 a colocam em outro lugar de possibilidade de análise.

Os indícios em seu corpo daquilo que se convencionou chamar na nossa cultura de próprios da masculinidade – porque se distanciam de um tipo de feminilidade – são constantemente celebrados nos *tumblrs*. Neste sentido, os *tumblrs* analisados – alguns celebram a performatividade de gênero distanciada de um ideal hegemônico de feminilidade por meio de outros corpos – resistem à compreensão de mulher dentro dos marcos normativos de gênero (e de sexualidade), produzindo tais corpos enquanto desejáveis. Porém – e justamente por isso o teor de resistência destas páginas –, em um sentido social mais amplo, os corpos nomeados femininos que se afastam de um determinado ideal de feminilidade não são celebrados; pelo contrário, são produzidos enquanto abjetos, isto é, corpos cuja materialidade “não importa”. No limite, corpos abjetos são aqueles cujo próprio direito à vida é questionado (BUTLER, 2006). Como efeito, ao corpo nascido com vulva, mas que se masculiniza em algum sentido, sobra sempre a condição de “imitação” de um gênero que não é o seu e, conseqüentemente, de uma sexualidade “artificial”<sup>10</sup>.

O repúdio à imitação em certos contextos tem suas raízes num passado longínquo, inclusive no que diz respeito à constituição corporal do ser humano. Sant’Anna (1995) evidencia que na primeira metade do

---

10 Artificial enquanto contrário de natural, pois tais normas produzem a heterossexualidade como sexualidade natural, biológica. Principalmente em correntes religiosas lesbofóbicas e homofóbicas, a homossexualidade será tratada como estilo de vida.

século XX não era bem vista a mulher que pintava o rosto. Isto porque a pintura era considerada um artifício à serviço da “imitação” da obra da *natureza* – que nesta época era escrita com a primeira letra maiúscula, tal era sua importância. Lógica parecidavem à tonana produção do corpo feminino que, em alguma medida, não se permite feminizar. Este corpo também estaria imitando algo que tem, em sua “natureza”, trejeitos considerados em nossa cultura como vinculados ao masculino. A performatividade de gênero é invisibilizada e naturalizada na medida em que se torna normativa.

Nos *tumblr*s, contudo, a feminilidade hegemônica como referência talvez seja ressignificada. Mais do que isso, a própria relação entre feminilidade hegemônica e heterossexualidade é contestada. Justamente por serem compartilhadas neste lugar, não apenas as imagens de Kristen Stewart produzam modos de ser/estar lésbica, mas as de outras famosas, como as imagens das atrizes nas figuras 4 e 5, também sejam passíveis dessa leitura. Entretanto, nas imagens de Kristen, há um outro processo de resistência sendo articulado, qual seja, aquele que resiste à produção do corpo feminino distanciado da feminilidade hegemônica como um corpo abjeto, um corpo passível de sofrer lesbofobias e misoginias por perder seu estatuto de feminino (e heterossexual) “natural”.

Para dar continuidade a esta discussão, faz-se pertinente olhar para fotografias mais recentes da atriz, que também vão dar pistas para pensar (n)os discursos que as imagens veiculadas pelos *tumblr*s podem suscitar:



Figura6: Kristen Stewart

Fonte: <http://cantcontrolthegay.tumblr.com/post/109111474209>

Esta imagem foi retirada de um *tumblr* chamado *can't control the gay* que, em português, pode significar algo como a impossibilidade de controlar a homossexualidade. O nome da página é interessante porque dá a entender que esta é uma sexualidade passível de controle, isto é, que ela pode ser disfarçada, mas que nem sempre a tentativa de controlá-la é bem-sucedida. O *tumblr* coloca Kristen Stewart neste lugar de quem não consegue disfarçar, de alguém que não precisa vir a público e assumir com palavras ou com um relacionamento com outra mulher sua lesbianidade, pois ela está impressa em seu corpo, nos seus trejeitos.

Neste sentido, este *tumblr* refere-se a uma necessidade de disfarce. A homossexualidade, nestes termos, precisaria ser disfarçada por meio de um “jeito de ser heterossexual”. Assim, talvez, configure-se uma forma de subversão, uma vez que a heterossexualidade é produzida, nestes termos, como sexualidade construída, como um manto que encobriria a homossexualidade. Porém, alguns corpos não são capazes de cobrir-se com o “manto da heterossexualidade”, e, por consequência, não controlam seus impulsos homossexuais, produzidos, conseqüentemente, como “naturais”<sup>11</sup>.

Há uma outra discussão, ainda, importante de ser abordada a partir da ideia de “disfarce”. Adrienne Rich (2010, p.19) fala sobre a necessidade de disfarçar a lesbianidade, seja para encontrar um lugar para alugar, seja para evitar ser perseguida e violentada nas ruas. Segundo a autora:

Mesmo dentro de instituições influenciadas pelo feminismo, tais como os abrigos de mulheres agredidas e os programas acadêmicos de *Women's Studies*, lésbicas assumidas são demitidas e outras são persuadidas a ficar “no armário”. Abrigar-se no semelhante – assimilação para aquelas que, assim, o conseguem – é a mais passiva e debilitante das respostas à repressão política, à insegurança econômica e à renovada “temporada de caça” da diferença.

As palavras da autora permitem pensar sobre o que vem a ser esse disfarce. Seria não pegar na mão de outra mulher, não beijá-la em público? Se assumimos as lesbianidades como efeito de discursos, a sexualidade expressa nos corpos como o de Kristen Stewart, a partir das

---

11 Obviamente, não se advoga aqui por uma inversão de sentidos, qual seja, a defesa de que a homossexualidade é um dado natural de um corpo, enquanto que a heterossexualidade seria socialmente construída. De fato, já assumimos nossa posição a partir do referencial teórico utilizado neste artigo. Contudo, acreditamos que, na dinâmica social que se apresenta, esta leitura do referido *tumblr* produz uma outra forma de pensar, que resiste à naturalização da heterossexualidade, sobretudo.



imagens analisadas, a coloca no lugar de mulher lésbica que não precisa se assumir verbalmente porque ela *parece* lésbica. Neste sentido, a lésbica *que parece* sequer precisa estar/ficar com outra mulher, sua forma de se colocar no mundo, a performatividade de gênero e de sexualidade expressa em seu corpo dá conta de legitimar seu *status*, sendo a adição de uma namorada/amante inclusive desnecessária, ou uma mera (re) afirmação de algo que já se presumia. Contudo, cabe o questionamento: em que medida expectativas de gênero podem dar conta de uma sexualidade? Avançando nesta lógica, em que medida são efetivas as expectativas de gênero para dar conta, inclusive, de um gênero? No caso de Kristen, se nem sua performatividade de gênero constitui plenamente seu gênero – a atriz posiciona-se e assume-se enquanto mulher até então –, como então assumir que esta performatividade constitui, na verdade, uma sexualidade? As fronteiras entre gênero e sexualidade são apagadas, mas ao serem desconstruídas, tais lógicas precarizam-se naquilo que produzem. Dessa forma, ao assumirmos a expressão de gênero de Kristen Stewart como distanciada de uma feminilidade hegemônica e matricial isto pouco é efetivo para dizer do gênero da atriz e, conseqüentemente, de sua sexualidade. Contudo, ainda assim discursos que a constituem enquanto tal (isto é, mulher masculinizada) a fazem emergir como lésbica nos *tumblr*s selecionados, também, certamente, porque suas imagens estão localizadas neste lugar: *tumblr*s de mulheres lésbicas sobre lesbianidades.

### **Considerações finais**

As imagens da atriz Kristen Stewart mostraram-se produtivas para pensar e problematizar discursos a respeito do corpo enquanto produto/ produtor de gênero e sexualidade, por meio da performatividade. A preferência por imagens em que aspectos da feminilidade não são reforçados produziu diversas possibilidades de leitura. Uma delas,

denunciou a predominância de uma lógica heteronormativa em que a expressão de gênero emerge como um marcador de sexualidade. A partir dessa relação, também foi possível expor que tal lógica apenas se constitui no corpo da referida atriz porque, antes, produz o corpo heteronormativo, em que a linearidade mulher-feminina-heterossexual é constituída a partir também de uma expressão de gênero.

Em outra leitura possível, as imagens destes *tumblrs* emergiram como resistência: resistência a uma matriz de feminilidade, a uma matriz heterossexual, e, inclusive, a uma matriz de lesbianidade (esta última principalmente por meio das imagens de outras famosas presentes nestes *tumblrs*). Como efeito, o corpo da atriz Kristen Stewart produziu modos de ser/estar lésbica em um sentido pedagógico, mas em outro enquanto corpo que resiste a uma interpelação abjeta, porque ali, naqueles *tumblrs*, é celebrado (e, muito provavelmente, desejado).

Assim, no presente artigo, Kristen Stewart constituiu uma lésbica aparentemente destituída de práticas homossexuais, e, dessa forma, expôs a forte relação entre gênero e sexualidade: relação de reforço, mas também de constante tensão. Assim, cabe questionar: seria esta norma tão eficaz assim? Enquanto discurso, a heteronormatividade produz corpos, mas estes sempre escapam a ela. Ademais, a própria relação consequente entre gestualidades e expressão de gênero, qual seja, a de que gestualidades operam o gênero em um corpo, pode ser colocada em questão, porque se dá a partir da relação binária masculino-feminino, que é limitada e (re)produtora de uma série de preconceitos, como, por exemplo, a leitura de uma pessoa transgênero nos termos da cisgeneridade.

Como efeito, Kristen Stewart, em sua lesbianidade – enquanto efeito de discursos que produzem tal sexualidade com base em uma linearidade entre gênero-sexo-sexualidade – escapa a tais suposições. Ainda que, atualmente, a atriz tenha se assumido como lésbica, no

período de realização desta pesquisa ela não havia assumido qualquer sexualidade publicamente, só podíamos inferi-la por meio das pessoas com quem se relacionava publicamente, até aquele momento, homens<sup>12</sup>. Há, também, diversas imagens da atriz em que ela (re)produz aspectos de uma feminilidade hegemônica, aproximando-se de uma performatividade semelhante às das figuras 4 e 5, contudo, nenhuma imagem da atriz neste sentido foi encontrada nos *tumblr*s analisados.

Masculinidade e feminilidade, enquanto discurso, jamais produzem corpos que permanecem conformados e ajustados a estes dois lugares enquanto dicotômicos e opostos. Assim também se dá a relação entre gênero e sexualidade: nem sempre as expectativas, as pedagogias, as formas de ser instituídas materializam-se nos corpos, como objetivamos mostrar neste artigo. Contudo, ainda assim importa atentarmos para tais normas, no sentido de que expô-las como produtos culturais que sustentam preconceitos, lesbofobias e misoginias torna-se estratégico na busca por uma sociedade em que a equidade não seja somente uma utopia, ou um fim, mas, sobretudo, um meio e uma continuidade.

---

12 Kristen Stewart namorou o ator Robert Pattinson. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/05/pattinson-e-kristen-stewart-terminam-o-namoro-mais-uma-vez-diz-site.html> Acesso em: 27.02.2015

## Resumo

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitutions: an essay in phenomenology and feminist theory. In: BIAL, Henry. **The performance Studies Reader**. London: Routledge, 2004. p. 154-165.

\_\_\_\_\_, Judith. **Vida precaria: el poder del duelo y la violència**. Buenos Aires : Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: **O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.153-172.

\_\_\_\_\_, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CANEVACCI, Massimo. **Comunicação Visual**. Editora Brasiliense, 2009.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Ingrid Muller Xavier (trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTO, Edvaldo Souza. Da cultura de massas às interfaces na era digital. **Revista Faced**. Salvador, n.14, p.105-1018, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_, Edvaldo Souza; DA SILVA, Valdirene Cássia. “Faiz o daulôudi e um upigrêidi”: a apropriação da tecnologia pelas juventudes palmenses. In: **Cultura e Comunicação Visual**. Organização de Edvaldo Souza Couto, Valdirene Cássia da Silva e Irenides Teixeira. Canoas: Ed. ULBRA, 2013. 232p.

CULLER, Jonathan. **Sobre a Desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Apontamentos Sobre a Cultura Visual. *In: Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação: a poética na docência*, 19, 2005. Maria Isabel PetryKehrwald, Eluza Silveira (Org). Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2005, 180p.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**. n.20, maio/jun/jul/ago de 2002.

FOLHA DE S. PAULO. **Entenda o que é a web 2.0**. 10/06/2016.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20173.shtml>> Acesso em: 24/07/2018

GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. *In: Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 2 ed.

\_\_\_\_\_, Guacira Lopes. **Conhecer, pesquisar, escrever...** Texto apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2004.

\_\_\_\_\_, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: O Corpo Educado – Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.07-34.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In: Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica. *In: Bagoas*. n.05, 2010, p.17-44. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01\\_rich.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf)

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu?. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.26, n.1, p.33-58, jun./jul. 2001.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Guacira Louro (trad. e notas) 1 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no brasil. *In: Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Descobrir o corpo – uma história sem fim. *In: Educação & Realidade*, v. 25, no2. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Julho/dezembro 2000. p. 49-58.

SIBÍLIA, Paula. **O Show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.